

O desaparecimento de
Stephanie Mailer

O desaparecimento de Stephanie Mailer

Joël Dicker

Tradução de André Telles



Copyright © Éditions de Fallois, 2018

TÍTULO ORIGINAL

La Disparition de Stephanie Mailer

PREPARAÇÃO

Ilana Goldfeld

REVISÃO

Juliana Souza

Luisa Tieppo

DIAGRAMAÇÃO

Carolina Araújo | Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D545d

Dicker, Joël, 1985

O desaparecimento de Stephanie Mailer / Joël Dicker ; tradução André

Telles. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.

576 p. ; 23 cm.

Tradução de: La disparition de Stephanie Mailer

ISBN 978-85-510-0363-3

ISBN 978-85-510-0389-3 [ci]

1. Ficção suíça. I. Telles, André. II. Título.

18-51238

CDD: 839.73

CDU: 82-3(494)

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Caros leitores,

antes de vocês mergulharem neste livro, eu gostaria de homenagear meu editor, Bernard de Fallois, que nos deixou em janeiro de 2018.

Era um homem fora do comum, com um faro editorial excepcional. Devo-lhe tudo. Foi uma grande sorte tê-lo em minha vida. E eu sentirei muita falta dele.

Vamos à leitura!

Para Constance

LISTA DE PERSONAGENS

Jesse Rosenberg: capitão da polícia estadual de Nova York

Derek Scott: sargento da polícia estadual e antigo parceiro de Jesse

Anna Kanner: assistente do chefe de polícia de Orphea

Darla Scott: esposa de Derek Scott

Natasha Darrinski: noiva de Jesse Rosenberg

Alan Brown: prefeito de Orphea

Charlotte Brown: esposa de Alan Brown

Ron Gulliver: atual chefe de polícia de Orphea

Jasper Montagne: assistente do chefe de polícia de Orphea

Meghan Padalin: vítima do quádruplo homicídio de 1994

Samuel Padalin: marido de Meghan Padalin

Joseph Gordon: prefeito de Orphea em 1994

Leslie Gordon: esposa de Joseph Gordon

Cody Illinois: dono da livraria de Orphea

Buzz Leonard: diretor do espetáculo *Tio Vânia* em 1994

Ted Tennenbaum: antigo proprietário do Café Athena

Sylvia Tennenbaum: atual proprietária do Café Athena, irmã de Ted Tennenbaum

Michael Bird: editor responsável pelo *Orphea Chronicle*

Miranda Bird: esposa de Michael Bird

Steven Bergdorf: editor responsável pela *Revista Literária de Nova York*

Tracy Bergdorf: esposa de Steven Bergdorf

Skip Nalan: assistente do editor da *Revista Literária de Nova York*

Alice Filmore: funcionária da *Revista Literária de Nova York*

Meta Ostrovski: crítico da *Revista Literária de Nova York*

Kirk Harvey: antigo chefe de polícia de Orphea

Jerry Éden: CEO do Canal 14

Cynthia Éden: esposa de Jerry Éden

Dakota Éden: filha de Jerry e Cynthia Éden

Tara Scalini: amiga de infância de Dakota Éden

Gerald Scalini: pai de Tara Scalini

A RESPEITO DOS ACONTECIMENTOS DE 30 DE JULHO DE 1994

Apenas as pessoas familiarizadas com a região dos Hamptons, no estado de Nova York, souberam do que aconteceu em 30 de julho de 1994 em Orpheia, uma pequena e badalada cidade balneária.

Naquela noite, Orpheia inaugurava seu primeiro festival de teatro, e o evento, de alcance nacional, atraía um bom público. Desde o fim da tarde, os turistas e a população local haviam começado a se aglomerar na rua principal para participar das diversas festividades organizadas pela prefeitura. Os bairros residenciais ficaram tão vazios que lembravam uma cidade fantasma: não havia mais pessoas nas calçadas, casais nos portões, nem crianças andando de patins na rua, ninguém nos jardins. Todo mundo estava na rua principal.

Por volta das oito horas da noite, no bairro completamente deserto de Penfield, o único sinal de vida era um carro que percorria lentamente as ruas abandonadas. Ao volante, um homem espreitava as calçadas com um fulgor de pânico no olhar. Nunca se sentira tão sozinho no mundo. Não havia ninguém para ajudá-lo. Não sabia o que fazer. Procurava desesperadamente sua mulher: ela saía para correr e não voltara.

Samuel e Meghan Padalin eram dois dos poucos moradores que decidiram ficar em casa na primeira noite do festival. Não conseguiram ingressos para a peça de abertura, pois haviam se esgotado rapidamente, e não lhes apeteceu a ideia de se misturar às festividades populares da rua principal e da marina.

No fim da tarde, Meghan saía por volta das seis e meia para correr, como fazia todos os dias. A não ser no domingo, quando dava um descanso ao corpo, fazia sempre o mesmo percurso todas as noites. Saía de casa e subia a Penfield Road até o Penfield Crescent, que formava um semicírculo ao redor de um pequeno parque. Parava ali para praticar uma série de exercícios no gramado — sempre os mesmos —, depois voltava para casa pelo mesmo caminho. Tudo durava exatamente 45 minutos. Às vezes cinquenta, quando prolongava os exercícios. Nunca mais que isso.

Às sete e meia, Samuel Padalin achou estranho que sua mulher ainda não tivesse voltado.

Às 19h45, começou a ficar preocupado.

Às oito horas, passou a andar de um lado para outro na sala.

Às 20h10, não aguentando mais, resolveu percorrer o bairro de carro. Pareceu-lhe que o mais lógico seria refazer o percurso da habitual corrida de Meghan. Então foi o que fez.

Entrou na Penfield Road e foi até o Penfield Crescent, onde pegou uma bifurcação. Eram 20h20. Não havia uma pessoa sequer. Parou um instante para observar o parque, mas não viu ninguém ali. Ao retomar o percurso, notou uma forma na calçada. A princípio julgou ser um monte de roupas, até compreender que era um corpo. Saiu rapidamente do carro, o coração acelerado. Era sua mulher.

À polícia, Samuel Padalin disse que inicialmente tinha acreditado que havia sido um mal-estar, por causa do calor. Temera um ataque cardíaco. Contudo, ao se aproximar de Meghan, vira o sangue e o buraco na parte de trás da cabeça.

Começou a gritar, a clamar por ajuda, sem saber se devia ficar junto de sua mulher ou correr e bater nas portas das casas para que alguém ligasse para o socorro. Sua visão estava embaçada, tinha a impressão de que as pernas não o sustentavam mais. Seus gritos acabaram alertando um morador de uma rua paralela, que chamou o socorro.

Alguns minutos depois, a polícia já isolava o bairro.

Foi um dos primeiros agentes a chegar ao local que, no momento de estabelecer o perímetro do cordão de isolamento, percebeu que a porta da casa do prefeito, perto de onde fora encontrado o cadáver de Meghan, estava entreaberta. Aproximou-se, intrigado. Constatou que a porta havia sido arrombada. Sacou a arma, subiu aos saltos os degraus da escada da frente e se anunciou. Não obteve resposta. Empurrou a porta com a ponta do pé e viu que um cadáver de mulher jazia no corredor. Chamou reforços imediatamente, antes de adentrar lentamente a casa com a arma na mão. À sua direita, numa pequena sala, descobriu, horrorizado, o corpo de um menino. Em seguida, na cozinha, encontrou o prefeito numa poça de sangue, assassinado como os outros.

Toda a família fora trucidada.

PRIMEIRA PARTE

Nos abismos

-7

Desaparecimento de uma jornalista

SEGUNDA-FEIRA, 23 DE JUNHO – TERÇA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 2014

JESSE ROSENBERG

Segunda-feira, 23 de junho de 2014

33 dias antes da abertura do 21º festival de teatro de Orphea

A primeira e última vez que vi Stephanie Mailer foi quando ela participou da pequena recepção organizada para comemorar minha saída da polícia do estado de Nova York.

Naquele dia, um grande número de policiais de todas as brigadas se reuniu sob o sol do meio-dia diante do palanque de madeira que era montado para ocasiões especiais no estacionamento do centro regional da polícia estadual. Eu estava no palanque ao lado do meu superior, o major McKenna, que havia sido meu comandante ao longo de toda a minha carreira e me fazia uma homenagem.

— Jesse Rosenberg é um capitão jovem, mas, visivelmente, está com pressa de ir embora — disse o major, suscitando risadas no público. — Nunca imaginei que ele partiria antes de mim. A vida tem dessas: todo mundo queria que eu fosse embora, e continuo aqui. Todo mundo queria que Jesse ficasse, mas ele vai embora.

Eu tinha 45 anos e deixava a polícia sereno e feliz. Após 23 anos de serviço, me decidira pela aposentadoria à qual agora tinha direito, a fim de concluir um projeto que me motivava havia muito tempo. Eu ainda tinha uma semana de trabalho até o dia 30 de junho. Depois disso, começaria um novo capítulo da minha vida.

— Lembro-me do primeiro caso complicado de Jesse — prosseguiu o major. — Um quádruplo homicídio horrível, que ele resolveu brilhantemente, quando ninguém na brigada o julgava capaz disso. Ainda era um policial bem jovem. A partir desse momento, todos ficaram cientes de como Jesse é de fato. Todos que conviveram com ele sabem que foi um investigador excepcional. Acho que posso dizer, inclusive, que foi o melhor de todos nós. Nós o apelidamos de “Capitão 100%”, por ter resolvido todas as investigações de que participou, o que faz dele um investigador único. Policial admirado pelos colegas, perito respeitado e instrutor da academia de polícia durante muitos anos. Deixe-me lhe dizer uma coisa, Jesse: faz vinte anos que sentimos inveja de você!

A plateia riu novamente.

— Ainda não entendemos direito esse seu novo projeto, mas desejamos-lhe boa sorte na empreitada. Saiba que sentiremos sua falta, a polícia sentirá sua falta e, sobretudo, nossas mulheres sentirão sua falta, pois passavam as festinhas da polícia devorando-o com os olhos.

Uma chuva de aplausos se seguiu ao discurso. O major me deu um abraço amistoso, depois eu desci do palanque para cumprimentar todos os amigos presentes antes que eles corressem para o bufê.

Sozinho por um instante, fui então abordado por uma mulher muito bonita, na casa dos 30 anos, que eu não me lembrava de ter visto antes.

— Então o senhor é o famoso Capitão 100%? — perguntou ela com um tom sedutor.

— Parece que sim — respondi, sorrindo. — Por acaso nos conhecemos?

— Não. Meu nome é Stephanie Mailer. Sou jornalista do *Orphea Chronicle*.

Trocamos um aperto de mão. Então ela continuou:

— Vai ficar chateado se eu o chamar de Capitão 99%?

Franzi a testa.

— Está insinuando que não resolvi algum dos meus casos?

Como resposta, ela tirou da bolsa a fotocópia de um recorte do *Orphea Chronicle* de 1º de agosto de 1994 e a passou para mim.

CHACINA EM ORPHEA:

PREFEITO E SUA FAMÍLIA SÃO ASSASSINADOS

Sábado à noite, o prefeito de Orphea, Joseph Gordon, sua mulher e seu filho, de apenas 10 anos, foram mortos a tiros dentro de casa. A quarta vítima do homicídio chama-se Meghan Padalin, de 32 anos. A mulher fazia sua corrida diária quando os fatos ocorreram e provavelmente foi uma desafortunada testemunha do crime. Acabou assassinada por disparos vindos da rua, em frente à casa do prefeito.

Ilustrando a matéria, havia uma foto minha e de meu parceiro na época, Derek Scott, no local do crime.

— Aonde pretende chegar? — perguntei.

— O senhor não resolveu esse caso, capitão.

— Será que estou ouvindo direito?

— Em 1994, o senhor se enganou quanto ao culpado. Achei que gostaria de saber disso antes de deixar a polícia.

Logo pensei numa brincadeira de mau gosto dos meus colegas, até perceber que Stephanie estava muito séria.

— Por acaso está fazendo uma investigação por conta própria? — questionei-a.

— De certa maneira, capitão.

— *De certa maneira?* Terá de falar um pouco mais sobre isso se quiser que eu acredite no que está dizendo.

— Estou falando a verdade, capitão. Tenho um encontro daqui a pouco em que talvez eu consiga uma prova irrefutável.

— Encontro com quem?

— Capitão — disse ela num tom divertido —, não sou uma iniciante. Esse é o tipo de furo que um jornalista não quer correr o risco de perder. Prometo dividir minhas descobertas com o senhor na hora certa. Enquanto isso, tenho um favor a lhe pedir: gostaria de ter acesso aos arquivos da polícia estadual.

— Chama isso de favor? Para mim é chantagem! — rebati. — Primeiro me fale sobre sua investigação, Stephanie. São alegações muito graves.

— Tenho consciência disso, capitão Rosenberg. E por isso mesmo não pretendo ser superada pela polícia estadual.

— Lembro que a senhorita tem o dever de compartilhar com a polícia todas as informações importantes que obtiver. Está na lei. Eu também poderia ordenar uma averiguação no seu jornal.

Stephanie pareceu decepcionada com a minha reação.

— Então azar, Capitão 99% — respondeu ela. — Supus que isso pudessem interessá-lo, mas o senhor já deve estar pensando na sua aposentadoria e nesse novo projeto que o major mencionou no discurso. Do que se trata? Dar uma ajeitada em algum barco velho?

— Isso não é da sua conta — rebati secamente.

Ela deu de ombros e fez menção de partir. Eu tinha certeza de que estava blefando, e, de fato, ela parou após alguns passos e se virou na minha direção.

— A resposta estava na sua cara, capitão Rosenberg. O senhor simplesmente não a enxergou.

Eu me senti ao mesmo tempo intrigado e irritado.

— Não sei se estou entendendo, Stephanie.

Ela então ergueu a mão e a posicionou na altura dos meus olhos.

— O que está vendo, capitão?

— Sua mão.

— Eu mostrei os dedos — corrigiu ela.

— Mas eu vejo sua mão — repliquei, sem compreender.

— Esse é o problema. O senhor viu o que queria ver, e não o que estavam lhe mostrando. Foi isso que o senhor deixou escapar há vinte anos.

Foram suas últimas palavras. Ela foi embora, me deixando com seu enigma, seu cartão de visita e a fotocópia da reportagem.

Ao avistar Derek Scott junto ao bufê, meu ex-parceiro que agora vegetava na divisão administrativa, corri até ele e mostrei o recorte de jornal.

— Você continua igual, Jesse — disse ele, sorrindo, divertindo-se ao ver aquela matéria tão antiga. — O que aquela mulher queria com você?

— É uma jornalista. Segundo ela, a gente errou feio em 1994. Ela afirma que na verdade não solucionamos a investigação, pois nos enganamos de culpado.

— O quê? — Derek parecia surpreso. — Mas isso não faz sentido.

— Eu sei.

— O que ela disse exatamente?

— Que a resposta estava na nossa cara e que não a enxergamos.

Derek ficou perplexo. Também aparentava estar abalado, mas decidiu afastar essa ideia da mente.

— Não acredito em nada disso — concluiu ele, resmungando. — É só uma jornalista de segunda categoria que quer se promover às nossas custas.

— É, pode ser — respondi, pensativo. — Mas pode ser que não.

Ao vasculhar o estacionamento com o olhar, vi Stephanie entrar em seu carro. Ela me fez um sinal e gritou:

— Até logo, capitão Rosenberg!

Mas não houve “até logo”.

Porque foi nesse dia que ela desapareceu.

DEREK SCOTT

Lembro-me do dia em que toda essa história começou. Era um sábado, 30 de julho de 1994.

Naquela noite, Jesse e eu estávamos de serviço. Tínhamos parado para jantar no Blue Lagoon, um restaurante da moda, onde Darla e Natasha trabalhavam como garçonetes.

Nessa época, Jesse já namorava Natasha havia anos. Darla era uma de suas melhores amigas. As duas planejavam abrir um restaurante juntas e dedicavam seus dias a esse projeto: tinham encontrado o lugar e agora se organizavam para conseguir a licença para as obras. Nas noites e nos fins de semana, elas eram garçonetes no Blue Lagoon, e separavam metade do que ganhavam para investir no futuro estabelecimento.

Poderiam perfeitamente ter assumido a gerência do Blue Lagoon ou trabalhar na cozinha, mas o dono do estabelecimento lhes dizia: “Com essas carinhas bonitas e essas bundinhas lindas, o lugar de vocês é no salão. E não reclamem, vocês ganham muito mais em gorjetas do que se trabalhassem na cozinha.” Nesse último ponto, ele não estava errado: muitos clientes iam ao Blue Lagoon só para serem servidos por elas. Eram bonitas, meigas, risonhas. Tinham tudo a seu favor. Não havia sombra de dúvida de que o restaurante delas seria um tremendo sucesso; todo mundo já falava nele.

Darla era solteira. E confesso que, depois que a conheci, só pensava nela. Eu enchia o saco de Jesse para tomar um café no Blue Lagoon quando Natasha e Darla estavam lá. E nas ocasiões em que as duas se reuniam na casa de Jesse para trabalhar no projeto do restaurante, eu me intrometia para tentar impressionar Darla, mas minhas tentativas iam de mal a pior.

Por volta das oito e meia daquela fatídica noite de 30 de julho, Jesse e eu estávamos jantando no bar, alegres, e trocávamos algumas palavras com Natasha e Darla, que zanzavam à nossa volta. De repente meu bipe e o de Jesse começaram a apitar ao mesmo tempo. Olhamos preocupados um para o outro.

— Para os dois bipes tocarem ao mesmo tempo, deve ser grave — comentou Natasha.

Ela nos indicou a cabine telefônica do restaurante, bem como um aparelho no balcão. Jesse foi até a cabine, eu optei pelo balcão. As duas ligações foram breves.

— Recebemos um chamado geral para um caso de quádruplo homicídio — expliquei a Natasha e Darla, depois de desligar, dirigindo-me até a porta.

Jesse estava colocando o casaco.

— Anda logo! — repreendi-o. — A primeira unidade da divisão de homicídios que chegar ao local ficará com a investigação.

Éramos jovens e ambiciosos. Aquela era uma ótima oportunidade para nossa primeira investigação importante. Eu era mais experiente do que Jesse e já tinha a patente de sargento. Meus comandantes gostavam muito de mim. Todo mundo dizia que eu faria uma bela carreira na polícia.

Corremos pela rua até o carro e entramos apressadamente, eu ao volante, Jesse no banco do carona.

Arranquei à toda e Jesse pegou a sirene que estava no chão do veículo. Ligou-a e colocou a mão para fora da janela para instalá-la no topo da nossa viatura sem identificação policial, iluminando a noite com um brilho avermelhado.

Foi assim que tudo começou.